



Universidade do Minho
Departamento de Educação e Psicologia
Licenciatura em Psicologia

O nascimento da ciência moderna: fundamentos filosóficos

Empirismo vs. Racionalismo

Positivismo

Questão Mente-Corpo

História da Psicologia

Susana Manuela Fernandes Costa, N°47804

Empirismo vs. Racionalismo

Duas grandes orientações metodológicas ocidentais surgem, no séc. XVII, abrindo as principais vertentes do pensamento moderno, nomeadamente, a perspectiva *empirista* proposta por Francis Bacon, a preconizar uma ciência sustentada pela observação e pela experimentação, e que formularia indutivamente as suas leis, partindo da consideração dos casos ou eventos particulares para chegar a generalizações; e a perspectiva do *racionalismo* moderno proposta por Descartes que busca na razão os recursos para a recuperação da certeza científica.

O termo “empirismo” tem a sua origem no grego *empeiria*, que significa “experiência” sensorial. Esta corrente é considerada uma doutrina relativa à natureza do conhecimento. Restringiu-se o termo “empirismo” à filosofia clássica moderna, contrastando-se o “empirismo inglês” (Francis Bacon, Hobbes, Locke, Berkeley, Hume) com o “racionalismo continental” (Descartes, Malebranche, Spinoza, Leibniz, Wolff). A palavra racionalismo deriva do latim *ratio*, que significa razão. O termo é empregado também para designar a doutrina que deposita total e exclusiva confiança na razão humana como instrumento capaz de conhecer a verdade.

Vários são os aspectos que as diferenciam, nomeadamente, ao que tomam como conhecimento científico, em relação às origens dos seus ideais, à relação causa e efeito que os dois mencionam, à autonomia/participação que atribuem ao sujeito numa dada circunstância, diferem também na sua concepção do conceito de razão e na aceitação ou não da matemática como linguagem. Estes pontos de divergência são explicados nos parágrafos seguintes.

Os racionalistas defendem que o conhecimento científico se obtém a partir das ideias inatas que são pensamentos inerentes ao homem desde a sua origem, capazes de captar as demais informações, conceitos ou experiências provindas do meio; a ciência teria fundamento, portanto, nas ideias inatas dos sujeitos. Os empiristas, por outro lado, defendem que a experiência é que a base do conhecimento científico, ou seja, adquire-se conhecimento através da percepção do mundo externo ou através do exercício da nossa mente ao reter a realidade exterior e a modificá-la internamente. O empirismo tem, portanto, um carácter individualista, uma vez que a percepção do meio é diferente

de um indivíduo para o outro.

Para os racionalistas podem existir três tipos de ideias: as ideias do mundo exterior que são formadas a partir da retenção interna da realidade externa; as ideias inventadas pela imaginação, resultado do processo criativo da nossa mente; e as ideias inatas que já nascem com o indivíduo, dádivas de deus e que são a base da razão. Os empiristas defendem que a origem das ideias é o processo de abstracção que se inicia com a percepção do meio feita através dos sentidos (paladar, visão, olfacto, tacto, audição). Por exemplo: o racionalismo preocupa-se com uma coisa em si, atribuída pela razão, com uma visão muito objectiva, enquanto que o empirismo somente se preocupa com a maneira como percebemos essa coisa, como essa coisa através dos nossos sentidos chega até nós.

As relações de causa e efeito são vistas pelos racionalistas como puramente mecanicistas, seguidas por um rigor matemático e completamente objectivo. As relações que o Homem estabelece e observa são inerentes à própria matéria, à mecânica e natureza que seguem uma ordem preestabelecida. Para os empiristas, a relação causa e efeito não são mais que resultado da forma habitual de cada sujeito perceber os fenómenos e relacioná-los como sendo uma causa e sua consequência através da sua repetição constante. Nesta concepção, as leis da natureza só o são porque se repetem sempre quando observadas pelo homem.

Os racionalistas afirmam que a liberdade da consciência do indivíduo tem um limite e que existe uma identidade permanente da consciência individual. Por outro lado os empiristas negam a tal noção de identidade permanente defendendo a tese de que a nossa consciência varia de um momento para o outro, e como tal, em momentos diferentes temos conteúdos conscientes diferentes. Ou seja, pelo facto de a consciência ser um conjunto de representações do mundo exterior, essas representações dependem das nossas impressões, e como as nossas impressões estão sujeitas a variações, a nossa consciência também pode modificar.

O racionalismo vê a razão como a capacidade de bem julgar e diferenciar o verdadeiro do falso e encara-a como independente da experiência sensível. O empirismo não entra em contradição com o

racionalismo neste aspecto, no entanto, encara a razão de uma forma diferente, ou seja, aqui a razão é encarada como sendo dependente da experiência sensível, logo não vê dualidade entre espírito e extensão (ideia comum ao racionalismo) de forma a serem extremidades de um mesmo objecto.

Para o racionalismo, o método de conhecimento inspirado no rigor da matemática deve ser utilizado e os princípios de axiomas que seguem a intuição também devem ser seguidos. Esta corrente apoia o método dedutivo que parte do geral para o particular, em que primeiro se elabora suposições e depois são feitas as confirmações ou não. Os empiristas não aceitam o método matemático, afirmando que a experiência é que é o ponto de partida do nosso conhecimento logo não há necessidade de fazer hipóteses. Esta corrente defende, portanto, o método indutivo que parte do particular (pelas experiências) para a elaboração de princípios gerais.

Positivismo

O positivismo surge em meados do sec. XIX, corrente seguidora do empirismo que teve como grande impulsionador Augusto Comte. Representa uma reacção contra o apriorismo, o formalismo, e o idealismo, ao exigir um maior respeito para a experiência e os dados positivos. Entretanto, o positivismo fica no mesmo campo imanentista do idealismo e do pensamento moderno em geral, defendendo, mais ou menos, o absoluto do fenómeno. Esta corrente pretende também limitar-se à experiência imediata, sensível, ponto que a faz aproximar-se do empirismo já existente.

Apesar da sua pobreza filosófica, justificada anteriormente, o positivismo tem uma descrição e análise objectiva e científica da experiência muito elevadas, daí esta corrente ser fundida no campo prático, técnico e aplicado.

O positivismo admite, como fonte única de conhecimento e critério de verdade, a experiência, os fatos positivos, os dados sensíveis. A filosofia é reduzida à metodologia e à sistematização das ciências. A única lei que domina o mundo concebido pelo positivismo é a evolução necessária de uma infalível energia naturalista, como resulta das ciências naturais.

Uma crítica apontada a esta concepção é o facto de ter uma tradição sociológica e filosófica marxista, principalmente pela Escola de Frankfurt.

Questão Mente-Corpo

Historicamente, existem dois modos “clássicos” de encarar o problema mente-corpo. O primeiro modo, designado de dualismo, consiste na ideia de que a mente e corpo são “coisas” inseparáveis e irredutíveis; um segundo modo filosófico de tratar o problema é designado de fisicalismo (chamado também de materialismo) que se baseia na ideia de que tudo é de natureza material/física e, como consequência, a mente deverá ser descrita em termos físicos, em termos de processos cerebrais.

Neste contexto, o dualismo subdivide-se em dois tipos: o dualismo interacionista/dualismo cartesiano, segundo o qual, embora corpo e mente sejam duas “coisas” diferentes, existe uma interacção entre elas, no entanto esta perspectiva não explica como se dá essa interacção ou qual a sua natureza (crítica apontada); e o dualismo paralelismo que admite que os processos mentais e os processos físicos/fisiológicos funcionam em paralelo sem que haja realmente ligação entre as duas séries, concepção criticada pelo facto de haver realmente uma relação entre os dois processos, por exemplo, quando damos um pontapé, magoamo-nos e sentimos dor por termos dado o pontapé.

O outro modo “clássico” mencionado é o fisicalismo que tem uma postura reducionista na medida em que propõem tratar a mente como algo físico. Todos os processos mentais (emoções, sentimentos, sensações, etc.) são identificados com processos cerebrais e estudado o cérebro pode-se revelar o funcionamento da mente. Esta perspectiva é criticada pelo facto de, por exemplo, não se atribuir nenhuma identidade real aos numerosos processos electroquímicos cerebrais e o gosto de se saborear uma fruta. Uma outra crítica que se aponta diz respeito ao estatuto de uma ciência psicológica: se a noção reducionista em causa for levada ao extremo, chega-se à conclusão de que a psicologia não é um campo de conhecimento legítimo, uma vez que, seguindo a perspectiva em causa, a neurofisiologia (ou neuroquímica) explica todo o funcionamento e comportamento humano, não havendo motivos para se falar na psicologia como sendo uma disciplina autónoma.

Conclui-se então que nem o dualismo nem o fisicalismo são soluções clássicas satisfatórias para o problema mente-corpo.

Bibliografia:

⇒ <http://www.geocities.com/il25an78/racionalismo.html>

⇒ <http://www.filosofiavirtual.pro.br/racionalismo.htm>

⇒ http://www.filosofos.com.br/tema_racionalismoimpirismo.htm

⇒ http://www.filosofos.com.br/tema_racionalismoimpirismo.htm

⇒ <http://www.redepsi.com.br/portal/modules/soapbox/article.php?articleID=14>

⇒ <http://www.cfh.ufsc.br/~simposio/novo/2216y840.htm>

⇒ <http://pt.wikipedia.org/wiki/Positivismo>